

5 AGO 1972

POSICÕES RA TODOS GOSTOS

O Casarão, na alameda Jaú, não apresenta propriamente uma exposição de acordo com o ritmo de apresentações que as galerias de arte moderna criaram em São Paulo, mas uma coleção de antiguidades e gravuras sugerindo mais o ambiente estático dos antiquários. Juntamente com estas



Lothar Charroux está na Multipla.

peças, o Casarão expõe pinturas primitivas, mas esta presença — notada também em outros antiquários — não o transforma em galeria de exposições periódicas. A exposição da galeria moderna, como a do museu, contrasta com a da galeria comercial por ser organizada sob uma direção intelectual, que mantém sentido constante na sucessão das apresentações. Como a galeria moderna visa lucro, tal qual as outras firmas comerciais, maior é o esforço do diretor artístico, em manter o sentido estético das apresentações, harmonizando-o com os interesses comerciais. Na realidade, o que se dá é o inverso: a direção artística organiza exposições, dentro de um critério estético, e elas dão maior lucro na medida da felicidade com que se consegue a coincidência. Se o leitor visitar o Casarão, não deixe de ver a exposição de móveis do antiquário Fernando Millan, ao lado, com uma série de peças preciosas, entre as quais se destaca um armário antigo, todo pintado de

florzinhas, movel que, sozinho, faz a decoração de um sala.

De carro, tomando a avenida Morumbi, o leitor descobrirá a Galeria Multipla, que expõe a nova produção de objetos decorativos. Com o Multipla, chegamos ao extremo oposto. Não se trata de uma exposição organizada com nexos, mas de toda uma galeria dedicada à apresentação e comercialização de uma tomada de posição estética. Ela representa um esforço no sentido de concretizar o consumo da arte apresentada nas bienais como vanguarda e, portanto, como idéia nova, em choque com as tradições e os costumes. Com o advento da moda do acrílico e o retorno do alumínio e do aço no mobiliário, tornou-se lógica a aceitação desta produção de quadros e esculturas que não são mais telas emolduradas e figuras de gesso ou bronze, mas objetos concebidos com mais recentes critérios estéticos e confeccionados em aço inoxidável, acrílico, alumínio, vidro, isopor e aceta-

to. Decorada com estas obras, a casa do homem moderno oferece uma versão, esteticamente elaborada das máquinas com que ele convive lá fora, da mesma maneira como a pintura romântica oferecia uma versão lírica das paisagens campestres por que o homem da época passava. Dos 19 pintores que expõem, alguns são pouco conhecidos, destacando-se Paulo Becker, que formou, há muitos anos, entre nossos primeiros abstracionistas e agora se apresenta com bandeiras de lona; e Lothar Charroux, que militou no antigo grupo concretista, conservando a disciplina geométrica nesses objetos de vidro.

Mais modesta é a exposição montada na agência da rua Florencio de Abreu do Banco do Brasil, com obras do grupo de Aldemir Martins, em que o mais defensável é sem dúvida Marcelo Grassmann. Ninguém negará que se trata de nomes conhecidos, mas também é indistigável a larga contestação de sua obra, que os repetidos prêmios

e exposições conseguidos não consagram. Pesa certo desânimo sobre esses artistas como Aldemir, Antonio Bandeira, Sergio Camargo e Chico da Silva, que as instituições de arte moderna brasileiras já fizeram tudo para elevar no conceito geral, destacando-os com prêmios e promoções, protegendo-os com encomendas e recomendações repetidas. Foram apresentados no exterior, em vários países, alguns premiados na Bienal de Veneza, onde pescam valores novos os "marchands" de todo o mundo, outros com longas permanências em Paris, onde se apresentaram e reapresentaram, como é o caso do falecido Bandeira, sem dúvida mais talentoso que os outros, mas não suficientemente forte para ser aceito pelo mercado internacional. Rever as obras desses pintores tem, para nós, o gosto de uma comida requentada, reforçando a convicção de que é preferível tentar gente nova, com o risco de errar, do que repisar nessas teclas surradas.

temporânea